CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
CENTENÁRIO DE CARLOS WALLENSTEIN
6 de novembro de 2026

JOGO DE MÃO / 1983

um filme de Monique Rutler

Realização: Monique Rutler / *Argumento*: Edgar Gonsalves Preto (creditado como Gonçalves), Eduardo Guerra Carneiro, Monique Rutler / *Direção de fotografia*: Mário Barroso / *Assistência de imagem*: José António Loureiro / *Fotografia de cena*: Maria Amaral / *Chefe eletricista*: Manuel Carlos da Silva / *Eletricista*: João Silva / *Maquinista*: Vasco Sequeira / *Cenografia e figurinos*: Fernando Filipe / *Assistência de guarda-roupa*: Manecos / *Caraterização*: Ana Lorena / *«Penteados»*: Nadame Annick / *Direção de som*: Carlos Alberto Lopes / *Assistência de som*: Quintino Bastos / *Direção musical*: Luís Cília / *Músicos*: António Chainho (guitarra portuguesa), José Maria Nóbrega (viola), Carlos Menezes (viola), Fernando Ribeiro (acordeão), António Serafim (oboé), Luís Duarte (viola baixo), António Oliveira e Silva (violeta), Luís Vasconcelos (violoncelo), Carlos Martins (saxofone) / *Fado*: Jaime Santos (*Os Garotos*, letra de Linhares Barbosa), interpretado por Márcia Breia / *Montagem*: Monique Rutler / *Assistência de montagem*: Luís Sobral / *Assistência de realização*: Pedro Correia Martins / *Anotação*: Françoise Ariel / *Interpretação*: João Lagarto (roberteiro), Júlio César (Alberto), São José Lapa (Isabel), Maria N'Zambi (Carolina), Gilberto Gonçalves (Caló), Teresa Mónica (amiga de Carolina), Maria Vieira (amiga de Alberto), Victor Casimiro (amigo de Alberto), Manuela Carona (cartomante), Francisco Costa (operador de som), José Correia (operador de imagem), Jorge Henriques (dono da sapataria), Paulo Braga (drogado), Marc Azevedo (miúdo), Inês Lapa Lopes (miúda), Orlando Costa (Manuel), Zita Duarte (Maria), Carlos Ivo (1.º cliente tasca), Henrique Espírito Santo (2.º cliente tasca), Leandro Vale (3.º cliente tasca), Luz Azevedo (tasqueiro 1.ª feira), Nunes Grangeia (tasqueiro 2.ª feira), Teodoro Rafael (feirante), Teresa Roby (Teresa), João Calvário (José), Fernando Gomes (realizador), Marina Bairrão (assistente), Sara Lima (1ª prostituta), Ilda Roquete (dona da casa), Tony Morgon (amigo de José), Amadeu Caronho (1.º mafioso), Rui Mesquita (2.º mafioso), António Évora (enfermeiro), Teresa Sangareau (estudante), Luís Ferreira (estudante), Paula Gil (2.ª prostituta), Fernando Filipe (cliente cabaré), Jonas Moon (cliente japonês), Manuel Marques (ourives), Amílcar Lyra (escocês), Carlos Wallenstein (D. António Cardeal), Isabel de Castro (Maria de Jesus), Baptista Fernandes (coronel), Márcia Breia (Maria Madalena), Laurinda Ferreira (Tininha), José Wallenstein (António Cardeal em novo), Alda Rodrigues (dona da casa de fados), Asdrúbal Teles Pereira (padre), Rosa Lobato Faria (1.ª convidada), Aida Ultz (2.ª convidada), Maria Amália S. Carvalho (3.ª convidada), Amílcar Botica (1.º convidado), Senuel de Carvalho (2.º convidado), José Fonseca e Costa (juiz), Paula Nunes (Géninha).

Empresa produtora: Paisá, com a participação financeira do Instituto Português de Cinema / *Direção de produção*: José Torres, Isabel de Mello Breyner / *Produção executiva*: Isabel Branco / *Laboratórios*: Tobis Portuguesa (imagem), Nacional Filmes (som) / *Distribuição*: Filmes Catello Lopes / Cópia: Cinemateca Portuguesa, 35mm, cor, falada em português / Duração: 109 minutos / *Primeira apresentação pública*: 31 de agosto de 1983, 40.º Festival Internacional de Cinema de Veneza / *Primeira apresentação pública em Portugal*: setembro de 1983, Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz / *Estreia comercial*: 29 de junho de 1984, Cinema Quarteto (Lisboa), Sala Bebé (Porto), Cinema Bocage (Setúbal).

Sessão apresentada por Jorge Leitão Ramos

Muito curioso, este olhar de Monique Rutler sobre a sociedade lisboeta de princípios da década de 80. Visto de hoje, mais de quarenta anos depois (o filme estreou em 1984, mas teve apresentação pública em 1983 e a rodagem foi em 1982), parece-nos que o seu interesse cresceu: **Jogo de Mão** capta uma Lisboa que ainda não é bem a que conhecemos dos nossos dias, uma sociedade um pouco diferente da contemporânea. O cinema também tem este tipo de função "arqueológica", e lembrá-lo a propósito do filme de Monique Rutler não significa que se esteja a menorizá-lo, pois para que um filme cumpra essa função tem, em primeiro lugar, que se abrir a ela. E que **Jogo de Mão** se preste a isso é porque há nele a intuição ou o pressentimento de que está a fixar o retrato de um tempo, isso parece-nos razoavelmente evidente.

Encontramos aqui um retrato português de uma sociedade em mutação, por entre desagregações e "reconversões". Menos de dez anos decorridos sobre o 25 de Abril, **Jogo de Mão** mostrava um

mundo onde, por assim dizer, coexistiam vários mundos. São quatro histórias diferentes – unidas, tipo "fil rouge", pela personagem do marionetista (João Lagarto), espécie de "coro", e pela equipa cinematográfica que cruza vários episódios (e que é mais explorada, em termos narrativos, no terceiro episódio).

Parece bastante nítida uma dimensão desencantada, em termos sociais e em termos políticos. Estamos já bastante longe das euforias "revolucionárias" dos anos 70 – e é exactamente para um mundo "congelado" que **Jogo de Mão** nos convoca imediatamente, no primeiro segmento, sobre as tropelias de um "marialva" de bairro (excelente Júlio César). Personagem que se diria tipicamente lisboeta, ela é filmada sem qualquer espécie de cumplicidade: anda em círculos e mais círculos, de expediente em expediente, de mulher em mulher. Não por acaso, a personagem é abandonada, no fim do segmento, num plano em "paralítico": maneira de "fixar" a personagem, mas sobretudo maneira de lhe negar um futuro que, de qualquer modo, ela parece não ter.

Alguns aspectos avultam no retrato, ou nos retratos, feitos pelo filme de Monique Rutler. Por um lado, as variações de classe, que se tornam particularmente evidentes no derradeiro episódio, com um conjunto de personagens que é uma espécie de "estufa" da organização social do antigo regime (e o plano de abertura desse episódio, o longo plano do jantar em que se celebra a recuperação, pelo Dr Cardeal, da propriedade do jornal que perdera, eventualmente por altura das "nacionalizações"). A caracterização das personagens é bastante evidente quanto ao mundo a que alude, e toda a história, tragicómica, é como uma história de fantasmas – a morte, no fim, é mais uma "reiteração" de morte do que outra coisa, um atestado de falência de um modelo de sociedade. Nos outros episódios também não se vê muito optimismo, seja na história do casal de vendedores ambulantes (gente da periferia rural lisboeta, que abre o filme a um universo mais vasto do que o estritamente urbano) seja na história da estudante universitária que mergulha no "bas fonds" e no Cais do Sodré para pagar uma ida para França (e, já agora, no retrato caricatural que se faz da "troupe" cinematográfica que tem nesse episódio uma espécie de narrativa paralela).

Outra coisa interessante é a perspectiva feminina sobre os homens, como se **Jogo de Mão** também filmasse uma "falência da masculinidade". Vaidosos e aldrabões (primeiro episódio), bêbedos e violentos (Orlando Costa no segundo), fracos e manipuláveis (João Calvário no terceiro), poltrões e covardes (não só Wallenstein na pele do magnata morto-vivo mas também o Coronel, interpretado por Baptista Fernandes). As personagens mais fortes, mesmo que não necessariamente as mais "positivas" (Teresa Roby na sua oportunista estudante/prostituta, mesmo Zita Duarte na mulher sofredora e submissa) acabam por ser as mulheres. São, pelo menos, as que mais e melhor resistem – e o símbolo perfeito disso aparece no plano final, com a reacção extremamente ambígua de Isabel de Castro ao telefonema.

Luís Miguel Oliveira